O NORTE do DISTRITO

QUINZENÁRIO de FIGUEIRÓ DOS VINHOS

Avença

Órgão nacionalista, defensor dos concelhos do Norte do Distrito de Leiria

10 de Setembro de 1959

Proprietário: *Dr. Ernesto Lacerda* — Director e Editor: *Dr. Joaquim Alves Tomás Morgado* — Chefe da Redacção: *Prof. A. Paula Santos*

ANO VII — REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO, COMP. E IMP.: OFICINAS GRÁFICAS DA MINERVA CENTRAL – FIGUEIRÓ DOS VINHOS – TELEFONE 7 — N.os 160 e 161

RUMO AO MAR

NA sequência duma notável política de renovação das frotas mercante e pesqueira, cuja base está expressa no célebre **Despacho n.º 100** *subscrito pelo actual Chefe de Estado, Almirante Américo Tomás, quando Ministro da Marinha, dois importantíssimos diplomas determinam a prorrogação da vigência dos Fundos de Renovação da Marinha Mercante e de Apetrechamento da Indústria de Pesca, autorizando a emissão de dois empréstimos internos amortizáveis até* **um milhão e duzentos mil contos e trezentos mil contos,** *respectivamente.*

Nos preâmbulos dos respectivos diplomas são referidos os objectivos a atingir. Quanto ao primeiro, esclarece:

«Em 24 de Setembro de 1946 foi publicado o decreto-lei n.º 35 876, que criou o Fundo de Renovação da Marinha Mercante e autorizou a emissão de um empréstimo interno amortizável até 1 000 000 000$00, destinado a financiar a renovação da Frota Mercante Nacional.

A execução do Plano de Renovação da Marinha Mercante, estabelecido pelo despacho n.º 100 do Ministro da Marinha, de 10 de Agosto de 1945, implicava, com efeito, a realização de avultados investimentos, que se não continham dentro das possibilidades financeiras das empresas armadoras. As operações de financiamento efectuadas pelo Fundo, em cumprimento daquele plano, resultaram da emissão de dez séries de obrigações do empréstimo autorizado, as quais foram cobertas pelo Estado, no valor total de 865 000 000$00.

No desenvolvimento do esquema inicial, o II Plano de Fomento prevê um programa de expansão da Marinha Mercante, cujo financiamento será feito, entre outras fontes, por emissões do «Empréstimo de Renovação da Marinha Mercante».

Importa, por isso, manter o Fundo de Renovação da Marinha Mercante e habilitá-lo com os meios necessários ao cumprimento da missão que lhe cabe.

Afigurou-se, porém, oportuno, introduzir algumas alterações, aconselhadas pela prática de mais de dez anos, nas normas reguladoras da organização e funcionamento do Fundo, bem como nas dos respectivos financiamentos, pelo que se procedeu a uma actualização do diploma de 1946».

O decreto-lei referente ao Fundo de Renovação e Apetrechamento da Indústria da Pesca está, também, justificado no relatório que precede o respectivo articulado.

Portugal continua, pois, mercê do seu Governo, a sua secular tradição — Rumo ao Mar — prolongando-se e firmando-se nos mais longínquos recantos do Mundo.

A. PAULA SANTOS

A ESPOSA DO PRESIDENTE DO BRASIL VISITOU PORTUGAL

Como hóspede do Governo português, esteve entre nós, durante alguns dias, após uma larga digressão por diversos países europeus, a Esposa do Presidente da República do Brasil, Senhora D. Sara Kubitschek de Oliveira.

Durante a sua breve estadia em Portugal a ilustre Senhora visitou alguns dos lugares de maior interesse histórico, artístico e paisagístico, como os Mosteiros dos Jerónimos, Batalha e Alcobaça, o Santuário de Fátima, Nazaré, Estoris e Cascais, etc., cuja beleza e significado espiritual cativaram o seu interesse e admiração. A Senhora D. Sara Kubitschek de Oliveira — numa

(*Continua na 8.ª página*)

Coronel Sá Viana Rebelo

A fim de frequentar o Instituto de Altos Estudos Militares, onde realizará o curso que lhe permitirá a ascensão ao generalato, chegou a Lisboa em fins do mês passado o nosso querido e muito ilustre amigo, Sr. Coronel Horácio José de Sá Viana Rebelo, antigo Deputado por este Círculo, que veio acompanhado da esposa e filhos.

Oficial distintíssimo, o Sr. Coronel Sá Viana Rebelo vem desde há anos desempenhando com a máxima eficiência, inexcedível aprumo e invulgar dedicação o alto cargo de Governador-Geral de Angola. Aquela província ultramarina muito lhe deve já e muito mais há-de reconhecer daqui por alguns anos ser fruto da sua obra inteligente e intensa, pois Angola apresenta-se-nos numa fase de grande progresso e riqueza criada por suas mãos, promissora de muito maiores e valiosas condições de fomento num futuro próximo.

Cumprimentamos o nosso ilustre amigo, desejando-lhe óptima estadia na Metrópole e as maiores felicidades no difícil e trabalhoso curso que vem frequentar.

Jantar de homenagem

AO DEPUTADO

Sr. Capitão Silva Mendes

Promovida por elevado número de pessoas das mais representativas das freguesias de Carvalhal Benfeito, Santa Catarina, Salir de Matos e Vimeiro, do concelho de Alcobaça, efectuou-se no dia 18 de Agosto findo uma homenagem ao ilustre Deputado da Nação, Sr. Capitão José da Silva Mendes.

Amplamente justificada a manifestação que reuniu dezenas de convivas, pois o homenageado tem pugnado persistentemente pela maior soma possível de benefícios para a região, ela traduziu, afinal, o reconhecimento tácito do valor do nosso distinto amigo, cuja acção meritória é de assinalar e louvar.

O banquete, servido no Restaurante Mosteiro, de Alcobaça, foi presidido pelo Sr. António Montês, caldense ilustre e dedicado Director do Museu Provincial José Malhoa; dos numerosos convivas, destacamos a presença do Sr. Cónego José Ferreira de Lacerda, Director do nosso prezado colega «O Mensageiro», de Leiria, e dos Srs. Dr. Bertolino Ribeiro Coelho, Rev. Padre Joaquim Mendes, Tenente António Carvalho Machado, David Funcheira, Eurico Bonifácio da Silva, Luís Bonifácio da Silva, João Fragoso e Ernesto Ribeiro.

Aos brindes usaram da palavra os Srs. Eurico Bonifácio da Silva, David Funcheira, o Rev. Pároco de Santa Catarina, o Rev. Padre Sr. Joaquim Mendes, e o Sr. Cónego Ferreira de Lacerda, todos unânimes na afirmação de quanto a região é devedora à inteligência, interesse e influência do homenageado, e na exaltação das suas qualidades de carácter e coração.

O Deputado Sr. Capitão Silva Mendes, muito emocionado, agradeceu, então, as provas de apreço e amizade recebidas, que tanto o sensibilizaram.

«*O Norte do Distrito*» muito se regozija com a expressiva homenagem prestada ao seu ilustre amigo, a quem cumprimenta e felicita vivamente.

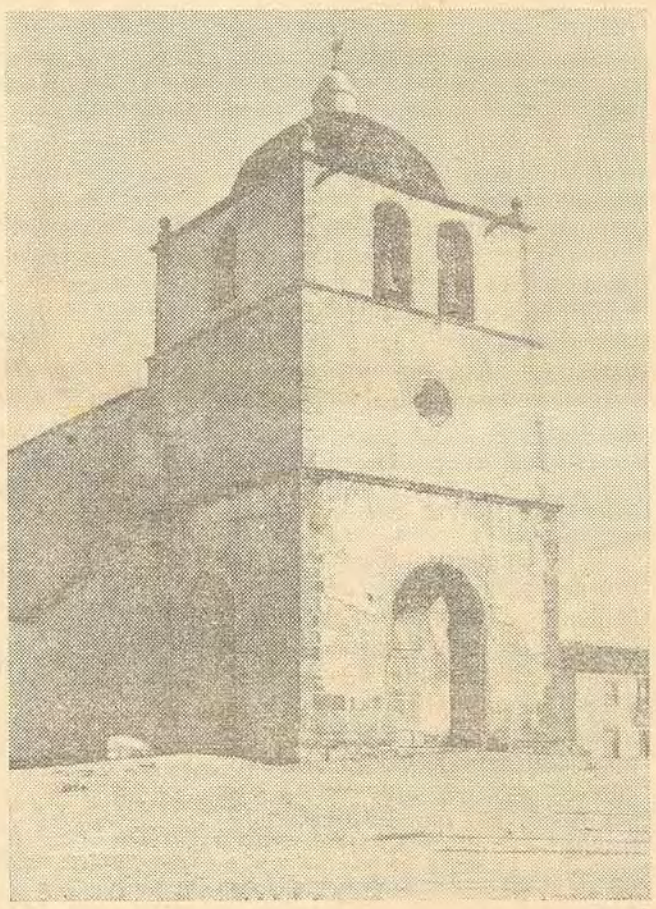
Nossa Senhora dos Milagres

Com extraordinária concorrência de fiéis, realizou-se no passado domingo, dia 6, em Pedrógão Grande, a tradicional festividade religiosa em honra e louvor de Nossa Senhora dos Milagres.

A Igreja-Matriz, antiquíssimo templo dos mais belos da região, encontrava-se linda e profusamente ornamentada, com os altares perfumados por centenas de flores; apesar de vasta, foi acanhada para tantos e tantos devotos que quiseram integrar-se nas cerimónias que, é de justiça dizer-se, atingiram brilhantismo desusado.

A Procissão foi um dos actos dos festejos que mais cativou os fiéis, não só da vila e concelho, como de muitos pontos vizinhos e mesmo distantes do País.

Como é hábito, a numerosa Colónia Pedroguense que vive na Capital tomou parte activa em todas as manifestações, aproveitando o ensejo para rever o torrão-natal e matar saudades de parentes e amigos.



PEDRÓGÃO GRANDE — IGREJA-MATRIZ

Gastrónomos de todo o Mundo, aproveitai enquanto é tempo!

Um especialista da F. A. O. em assuntos de nutrição e professor de Farmácia da Universidade de Granada — o Doutor Varela Mosquera — anunciou que a alimentação da Humanidade do futuro será constituída por algas e microrganismos, de fungos e bolores.

Parece que esta sua declaração solene é a resultante dos estudos feitos sobre a alimentação actual, já insuficiente, diz ele, e a cada vez maior falta de alimentos em face do aumento que a população mundial vai tendo com o decorrer dos anos.

Para já, afirma que dois terços da população do Mundo passa fome, nesta designação englobando a falta de alimentos e a sua má qualidade.

Ora, como a conjectura não é das melhores, pelos vistos, o Doutor Mosquera declara que o Homem pode recorrer a vegetais inferiores — especialmente as algas marítimas, que apelida de *maravilha nutritiva do futuro.*

Gastrónomos de todo o Mundo! Comei, *à tripa-forra,* — enquanto é tempo — os petiscos de vossa particular predilecção. Caso contrário, ele não fixou datas... mas, certamente, num futuro próximo, tereis de substituir a feijoada com pé de porco por um guisadinho de algas com bolores...

Pedrógão Grande

Os festejos realizados nesta Vila, em benefício do Hospital da Misericórdia, constituíram uma autêntica manifestação de bairrismo e benemerência

Mais uma vez este cantinho privilegiado da Natureza foi teatro duma festa memorável e inesquecível, que ficará a marcar pelos tempos fora, como padrão imorredouro de requintada benemerência.

Já foi neste sítio da Devesa, de secular memória, que, no século XVI, no dizer do Escritor Miguel Leitão de Andrade, autor da «Miscelânea», se realizou uma festa que nesse tempo teve grande retumbância no País, aonde acorreram gentes da Lousã, Coimbra, Porto e Lisboa, etc..

Ainda no ano findo, aquando da visita da Imagem de N. S. de Fátima a esta vila, se celebrou, neste mesmo lugar, a Missa Campal que constituiu, pela grande massa de gente e pela compostura com que decorreu o acto, uma expressiva manifestação de religiosidade, e já agora, pouco mais decorrido dum ano, temos a assinalar mais uma festa que, já pelo fim assistencial a que se destina, já pela enorme concorrência, equilíbrio e bom êxito que teve, marcará uma data que ficará gravada a letras de oiro nos anais deste concelho.

* * *

Eram vinte horas e já uma enorme multidão se aglomerava na Devesa em frente da Entrada principal do recinto dos festejos que iam realizar-se em favor do Hospital.

Dezenas de automóveis alinhavam à beira do jardim.

As armas da Vila eram o cartaz mais sugestivo que teriam podido pôr na portaria da Entrada.

O povo não deixava de acorrer às bilheteiras num crescendo animador.

Ao lado de inúmeras pessoas desconhecidas, vimos assomar centenas de pessoas de todas as categorias sociais, de Figueiró, Sertã e Castanheira de Pêra, que com a sua presença, quiseram assim testemunhar a Pedrógão os lídimos sentimentos da sua simpatia e amizade, colaborando espontâneamente nesta «Cruzada de bem-fazer».

Às 22 horas, o recinto vedado da Devesa estava quase totalmente ocupado.

Ao centro do recinto, foi levantado o palco artìsticamente decorado e iluminado.

As mesas reservadas estavam disseminadas pelo espaço situado em frente, cobertas pelas copadas tílias, formando com a sua espaçosa copa como que um docel de verdura, que emprestava ao ambiente um encanto surpreendente de magia.

Já não havia mesas reservadas, nem cadeiras, para satisfazer a enorme afluência do público.

O «Conjunto Musical», de Lisboa, que se deslocara a esta Vila, a convite do Sr. Angelo Pereira, o grande e principal animador desta festa, fez-se ouvir em diversos números, numa actuação que prendeu a atenção da numerosa assistência.

Seguiram-se alguns números de variedades, de reconhecido mérito, apresentados pelos hábeis artistas de teatro — o internacional Max, Humberto Madeira, Joseca, o animador admirável da orquestra, as dançarinas Ivone e Clara e as conhecidas cançonetistas — Maria Lisboa, Maria Madalena da Silva e Aida Baptista, — as quais agradaram plenamente, tendo colhido numerosos aplausos do público.

Os intervalos foram preenchidos por algumas músicas de dança, para o que havia duas impecáveis pistas.

As mesas regorgitavam de pessoal, com excesso de lotação e era com certa dificuldade que eram servidas a tempo, dado o volume de requisições de «comer e beber».

Não faltava, ali, porém, nada, desde o bife à lagosta, desde o frango à sardinha na brasa, doces, vinhos, cervejas, etc., enfim tudo o que é inerente a um bom restaurante. Ou não fosse o orientador máximo desta secção o Sr. Angelo Pereira...

No final da 2.ª parte, subiu ao Palco o Sr. A. David, que num improviso manifestou a sua profunda admiração pelo benemérito Sr. Angelo Pereira, que se não poupa a esforços para soerguer a nossa terra do marasmo, no intuito de elevar o seu nível social.

O Sr. Angelo Pereira, a pedido da assistência, compareceu no palco, tendo-lhe sido prestada tocante homenagem numa entusiástica ovação plenamente justificada, que comovidamente agradeceu.

Finalmente, o Sr. Presidente da Câmara agradeceu a comparência da numerosa assistência, as valiosas ofertas para a Quermesse, das quais destacou a do Sr. Barreto — duas jarras de prata — congratulando-se pelo bom acolhimento da parte do público e pelo bom êxito da festa. — C.

OS HOSPITAIS

devem denunciar os crimes públicos de que tomem conhecimento

A Procuradoria-Geral da República emitiu um parecer, segundo o qual «os hospitais do Estado ou outros estabelecimentos por este administrados, que prestem socorros médicos, devem denunciar ao Ministério Público os crimes públicos de que tomem conhecimento no exercício ou por causa do exercício da suas funções, a não ser que a denúncia, importando revelação de segredo profissional dos respectivos médicos, possa fazer incorrer em responsabilidade penal as pessoas assistidas».

Trigo para semente

Terminando no próximo dia 15 o prazo para requisitar trigo para semente, avisam-se os interessados que o devem fazer o mais ràpidamente possível nos respectivos Grémios da Lavoura.

Salienta-se que, em virtude da produção cerealífera do passado ano ter sido escassa, deverá haver rateio nas quantidades a distribuir.

Figueiroense! A Colónia Balnear da Casa do Povo será agradável realidade se quiseres. Não esqueças esta obra.

PARA UMA DESPORTIVA MAIOR E MELHOR

Numa fase decisiva para a vida da Associação Desportiva, os inúmeros problemas, que dia a dia acrescem aos múltiplos que já enfrentámos, obrigam-nos a lançar mão de uma activa campanha de novos sócios.

Às imensas despesas com que a Associação Desportiva depara há a juntar outras, como a aquisição de equipamentos, a criação de secções como a de ginástica, pesca, basquetebol, etc..

Muitos mais problemas surgirão; e a Associação Desportiva não pode continuar a viver das poucas dezenas de sócios que conta actualmente.

Neste momento difícil para a vida e continuidade da nossa Associação é imprescindível o auxílio financeiro dos bons Figueiroenses e também daqueles que vejam na obra uma tarefa digna e merecedora de continuação.

A Comissão

Figueiroenses! A Casa do Povo chama-vos, pedindo ajuda para custear a sua Colónia Balnear.

Convém saber...

O PAPEL

O papel, segundo a opinião mais seguida, teve origem na grande China. Veio o seu conhecimento e uso para a Europa por via dos árabes e foi divulgado pelos povos navegadores e comerciantes, como os venezianos e outros. Depois, o seu fabrico desenvolveu-se sobretudo na Itália e na Holanda de onde nós o importávamos.

Em Portugal, o papel começa a competir com o pergaminho por fins do século XIII, mas só se torna corrente o seu uso depois do século XVI. No arquivo municipal da Lousã existem alguns documentos em papel do século XV. Foi principalmente depois da invenção da Imprensa que o papel começou a ter maior procura por, melhor que a pele, se prestar àquela arte e ser mais económico.

Os mais antigos engenhos *de papel portugueses, de que nos chegou notícia, foram os seguintes:*

— O 1.º, em Leiria, fundado em 1441 por Fernão Rodrigues e João Gonçalves, talvez para abastecer de papel as imprensas que, ao tempo, havia naquela cidade, onde os judeus imprimiram muitas obras notáveis.

— O 2.º, em Alcobaça, fundado em 1537 por Manuel de Góis, irmão do cronista Damião de Góis, certamente sob a influência da indústria holandesa, pelas estreitas relações que os Góis tiveram nos Países-Baixos.

— O 3.º, em Alenquer, fundado em 1565.

— O 4.º, o da Lousã, fundado entre 1710 e 1715 por italianos, com participação do Estado. Sabe-se que um dos seus proprietários era José Maria Otomi e que dirigiu a construção e instalação, por parte do Estado, João Neto Arnaut.

(De Álvaro V. de Lemos, im «A Fábrica do Papel da Lousã».)

A Adega Cooperativa da Colónia Agrícola de Pegões

Nesta Colónia, situada na freguesia de Santo Isidro em pleno pliocénico do distrito de Setúbal, a vinha é um dos «esteios» onde se apoia a economia das 206 famílias instaladas; na restante área da freguesia e zonas circunvizinhas também aquela cultura foi a principal responsável pela viabilidade da grande maioria das pequenas explorações que, desde 1926 colonizaram uma área apreciável de terras de baixo nível de fertilidade.

A superfície ocupada pelas vinhas da colónia é de 824 hectares, cabendo a cada casal 4; na zona dos Foros de Pegões, em parte dentro da freguesia de Santo Isidro, existem cerca de 100 hectares de vinha e nos lugares de Cruzamento e Craveiras, vizinhos daquela freguesia, mais uns 300 são povoados por aquela cultura.

Salvo duas ou três excepções, de proprietários um pouco maiores laborando a uva produzida em pequenas adegas próprias, as produções são vendidas em natureza para grandes adegas particulares do Poceirão e Pinhal Novo, acontecendo, muitas vezes, que só muito depois da uva ter sido entregue o produtor conhece o seu preço. O nível dos preços assim conseguidos é pois muito variável e nem sempre o produtor é bem remunerado.

Para obviar a este estado de coisas fomentou a *Junta de Colonização Interna* a instalação duma Adega Cooperativa, constituindo uma das secções de maior interesse da Cooperativa Agrícola de Santo Isidro de Pegões por ela também impulsionada e que, integrada na Organização Cooperativa da Lavoura, alarga a sua esfera de acção a toda a freguesia.

Os serviços técnicos da Junta foram encarregados da elaboração do projecto da Adega; ponderadas as áreas de vinha atrás mencionadas da colónia e da freguesia de Santo Isidro, as percentagens das castas regionais e atendendo a que parte da uva produzida nos casais é «de mesa», conclui-se pela capacidade de 3 200 pipas de vinho tinto e 950 de vinho branco.

Sendo possível que, uma vez a Cooperativa em funcionamento, o número de associados venha a ultrapassar aquela capacidade, pelo alargamento do seu âmbito a localidades circunvizinhas, o edifício foi delineado de forma a ter fácil ampliação sem diminuição da eficiência no funcionamento.

O edifício projectado, nas suas linhas gerais, consta de um grande corpo onde se realizam as diversas operações ligadas à fabricação do vinho e seu armazenamento, e de um corpo de anexos, transversal, onde se aproveitam os subprodutos, nomeadamente os bagaços, água-pé e vinhos para obtenção de aguardente vínica e bagaceira.

No corpo principal distinguem-se, em corte, três planos.

No primeiro, abaixo do terreno natural, encontram-se a casa dos esmagadores-elevadores, a garrafeira, 58 depósitos de diversas capacidades para armazenamento de vinho e as instalações sanitárias.

No segundo, ao nível do terreno natural, situam-se os tanques de recepção da uva e, um metro acima, — o nível principal de laboração —, a zona de prensagem (4 prensas hidráulicas verticais), os acessos de pessoal e carros ao edifício, divisória envidraçada para recolha de amostras, pesos e medidas, vinte e oito depósitos de capacidade variável com postigo 80 centímetros acima do pavimento e oito cubas modelo «Universal».

Entre este piso de laboração e o plano definido pelas tampas dos depósitos aéreos, as «passadeiras» e as taças de fermentação, 4m,70 acima daquele, encontramos 32 ânforas de fermentação construídas para funcionarem com vinificadores de comando manual.

E' de salientar, neste corpo principal, a originalidade da disposição num mesmo edifício dos depósitos aéreos de armazenamento e ânforas de fermentação, que se traduz numa apreciável economia da área coberta sem prejuízo dum bom esquema funcional.

No corpo secundário o programa de instalações subterrâneas compreende depósitos de aguardente, de carburante líquido e silos de bagaço; ao nível principal encontram-se duas arrecadações, duas baterias de dez tanques difusores, depósito de água, destilaria com instalação para o fabrico de aguardentes vínica e bagaceira e vários acessos.

A construção da Adega foi adjudicada por 3 223 604$00 não incluindo o equipamento, orçamentado em cerca de 800 000$00.

A obra é comparticipada pela *Junta Nacional do Vinho* em 20% do custo da construção e do terreno e, a parte restante, financiada pelo *Fundo de Melhoramentos Agrícolas da Junta de Colonização Interna*, sendo o empréstimo amortizável em 30 anos à taxa de juro legal de 2%.

Na campanha vitivinícola de 1960, mercê da acção de fomento das Juntas de *Colonização Interna* e *Nacional do Vinho*, disporão os colonos e os outros viticultores da freguesia de Santo Isidro de Pegões, sócios da Cooperativa Agrícola, duma Adega com todos os requisitos modernos para laborar, nas melhores condições técnicas e económicas, a sua produção de uvas e auferir, assim, maior rendimento das suas explorações.

Taxas de T. S. F. e TV

Previnem-se os senhores radiouvintes de que, no decorrer do mês de Setembro, devem efectuar o pagamento das taxas, quer de radiodifusão sonora, quer de televisão, respeitantes às licenças semestrais, terminadas em 4 ou 5 e anuais terminadas em 7.

Este pagamento pode ser efectuado em qualquer estação dos Correios de Lisboa ou da Província, na Tesouraria da Emissora Nacional, em Lisboa, ou em qualquer dos Emissores Regionais.

Também podem ser pagas as taxas em atraso, referentes ao corrente ano, terminadas em qualquer algarismo, mas estas só na Tesouraria da Emissora Nacional, em Lisboa, ou num dos Emissores Regionais, acrescidas da multa de 25%.

Exames de admissão à Escola Náutica

Os candidatos que desejem concorrer aos exames de aptidão aos cursos elementares de pilotagem, máquinas marítimas, radiotelegrafia e comissários da Marinha Mercante devem entregar os documentos na Escola Náutica até ao dia 15 do corrente.

¿Onde está a felicidade?

Chegaram ao pé da fonte com esta alegria, e saudaram ao Peregrino, que, com inveja daquela liberdade, as estava olhando. E enquanto (lavando os cântaros) com graciosas perguntas importunavam a fonte, o velho pegureiro se veio assentar junto dele: e perguntando-lhe donde era, e o que ali buscava, vieram a travar prática, da qual Lereno entendeu que o Serrano era homem singelo, e tão de vidro, que se lhe via pelo rosto o coração; e pelo amor com que ele tratava a gente daquela condição, lhe foi de um lanço em outro perguntando da vida, e do cuidado que tinha na serra, pois naquela companhia o via tão contente. Ao que o velho respondeu desta maneira:

— Há mais de sessenta anos que nasci detrás daquele penedo que daqui aparece no alto da serra: e de então até agora, nem vi mais terra, que a que dele se descobre, nem desejei outra, de quantas ouvi gabar a meus naturais: nunca tive de meu outro bem maior que não desejar os alheios; nem outro mal que me desse mais cuidado, que as ocasiões que o tempo me ofereceu de poder possuir o que os homens estimam, e sentem tanto perder, como são enganos: sou tão pobre do que a Fortuna reparte, que cada hora que me quiser tomar conta de tantos anos, lhe não ficarei devendo, nem um desejo: vivo de guardar gado de outros donos: sou fiel em o tratar, diligente no pasto, e remédio dele; rico com a parte que me cabe da sua lã, e do seu leite, porque dela me visto, e dele me sustento: nem quando os frutos são poucos me lastimo, nem quando as novidades são maiores me alvoroço: contenta-me o bem, não me sossobra o mal; tenho uma cabana em que vivo, feita por minha própria mão das árvores destas brenhas; não acharás dentro cousa que deva direitos à vaidade, tudo são instrumentos necessários ao meu ofício de guardador, e se alguma cousa sobeja, será das que ainda são mais importantes para a vida: daqui me levanto contente, e aqui me recolho descansado, porque nem acordo com os pensamentos na ventura, nem adormeço com eles repartidos em bens que enganam, e em males que os homens escolhem de seu agrado: de noite qualquer Estrela que vejo, é a minha, porque todas favorecem o meu estado, de dia sempre o Sol me aparece de uma cor, porque o vejo com os olhos livres. Tenho este instrumento, a cujo som canto; quando é bem me alegro, porque canto para me alegrar; e quando pelo contrário, me não pesa muito, porque o não faço por alegrar a outrem; quando há frio, e neve na serra, também há lenha nesses montes, e fogo nestas pedras, com que me defendo: quando a calma é grande, com o abrigo destas árvores, e a vizinhança das fontes me recreio; assim são os meus manjares, como é a minha vida; nem ela me pede os que lhe façam dano, nem eu os tenho: o meu vestido é sempre desta cor, porque em qualquer cousa (ainda de menos quantia) é a mudança perigosa. O maior trabalho, que tenho, é os pastores com que trato, porque cada um tem uma vontade, e um entendimento, e eu me hei-de servir só do meu para com todos; porém de tal maneira uso dele, que me não dá do sucesso que pode acontecer. Ao avarento não lhe peço nada, nem lhe aconselho que dê a outrem, nem lhe louvo o não dar nada a ninguém; e assim, nem lhe minto, nem o molesto. Ao soberbo, nem me faço grande por não ficar com ele em contenda; nem aos outros pequenos, porque com eles se não levante mais. Ao ingrato, ou o não sirvo, porque me não magoe; ou quando o sirvo, lembro-me que a sua má natureza não pode tirar o preço à obra, que de si é boa. Ao falador calo-me; ao calado descubro-me com tento; ao doudo, não lhe atalho a fúria; ao néscio, não trabalho por lhe dar razão; ao pobre não lhe devo; ao rico não lhe peço; ao vão, nem o gabo, nem o repreendo; ao lisonjeiro não no creio: e deste modo com todos estou bem, e nenhum me faz mal. Não digo verdades que amarguem, nem tenho amizades que me profanem: não adquiro fazendas que outros me invejem; porque neste tempo, das melhores três cousas dele nascem as mais danosas que há no mundo: da verdade, ódio: da conversação, desprezo: da prosperidade, inveja. Sou qual me vês, e qual te eu digo, não quero parecer outro, nem ser mais do que pareço. Venho muitas vezes a esta fonte, que me pegou a sua condição; fala verdade a todos, e com nenhum tem diferença: costumei-me a estas suas águas, que ainda que são amargosas, são saudáveis, apagam peçonha, desfazem feitiços, e valem contra mordeduras da Bicha. Se nisto, que me ouviste, achas alguma cousa que te contente, e queres ir comigo, pois é já tarde, eu te hospedarei na minha cabana, na qual podes entrar sem temor, dormir sem perigo, e sair sem saudade: comerás do leite, ouvirás dos contos, e partirás quando quiseres.

Enquanto o velho pegureiro isto dizia, estava o pastor lançando contas à sua vida, com grande inveja do que aquele lhe contava da sua; e no cabo lhe respondeu com um suspiro:

— Ah! ditoso Serrano, as Estrelas te conservem nesse estado, para que nunca conheças a diferença dele: tu só vives, tu só deves ao Céu estar isento das leis da ventura; mais é para invejar tua pobreza, que a maior vaidade do mundo; mais para se estimar a tua cabana, que os mais lustrosos edifícios dele; mais para se desejar a tua liberdade, que os mandos, e senhorios, com que os homens se cativam, e engrandecem; e mais para se buscar a tua companhia, que o maior tesouro; eu não quero mais dela por agora, que partir-me chorando pelo que te ouvi.

A este tempo se partiam já as Serranas, que o chamaram, ele se despediu do Peregrino, dando-lhe um pequeno vaso de cortiça, que levasse daquela água: e tocando a sua rabeca se apartou, e o pastor ficou em batalha com males próprios, que à vista dos bens alheios tomaram força contra um sujeito, que eles já tinham de todo desbaratado.

O Pastor Peregrino — Livro I, Jornada 2.ª

A Casa do Povo de Figueiró pretende constituir este ano a sua Colónia Balnear com 100 crianças necessitadas. Ajuda-a com o teu óbolo, Figueiroense amigo!

BRASIL e PORTUGAL

A instituição do Dia da Comunidade Luso-Brasileira, que será, segundo projecto apresentado à Câmara Federal pelo deputado Vasconcelos Torres, celebrado todos os anos a 23 de Abril, continua a ser objecto do maior relevo na Imprensa brasileira.

O projecto — já aprovado pela Comissão de Relações Exteriores da Câmara — tem a seguinte redacção:

Art.º 1.º — Fica instituído o Dia da Comunidade Luso-Brasileira, que será comemorado, em todo o território nacional, no dia 23 de Abril.

Art.º 2.º — Para a consecução do que se determina no artigo 1.º da presente lei, o Ministério da Educação e Cultura tomará as providências necessárias, designando uma comissão composta por seis membros para organizar as comemorações. 1.º — A comissão terá a seguinte composição: um representante do Ministério do Exterior, um representante da Associação Brasileira de Imprensa, um representante da Academia Brasileira de Letras, um representante do Real Gabinete Português de Leitura e um representante do Ministério da Educação e Cultura, que será o presidente. 2.º — Ao baixar, no prazo de noventa dias, o regulamento para a execução da presente lei, o Poder Executivo determinará que as comemorações constem, principalmente: 1) de conferências, cursos, atribuição de prémios e publicação de ensaios sobre as actividades sociais, económicas e culturais dos portugueses no Brasil. 2) de conferências, cursos, atribuição de prémios e publicação de ensaios em Portugal, sob a orientação da Embaixada do Brasil, acerca do papel do nosso país no seio da comunidade luso-brasileira.

Art.º 3.º — O Ministério da Viação e Obras Públicas, em combinação com o Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio, realizará, no ano de 1960, e de cinco em cinco anos, uma exposição flutuante de comércio e indústria do Brasil, fazendo coincidir a chegada do navio-exposição ao porto de Lisboa sempre no dia 22 de Abril. 1.º — O navio-exposição visitará, também, os portos portugueses existentes em todas as partes do Mundo. 2.º — Planeada e orçada a exposição-flutuante, o Poder Executivo, através do Ministério da Viação e Obras Públicas, solicitará os créditos necessários à sua execução.

Art.º 4.º — E' aberto no Ministério da Educação e Cultura o crédito de cinco milhões de cruzeiros para atender às despesas iniciais decorrentes da presente lei.

Art.º 5.º — A presente lei entrará em vigor na data da sua publicação.

Não tenho amores, nem tive;
Nem dinheiro, nem morada...
E, assim, do fim não me queixo,
pois morro e não deixo nada!

ANTÓNIO PEREIRA DA SILVA

Desarmamento

Por GILBERTO DE ALENCAR

Anda hoje em dia o Mundo preocupado apenas com grandes coisas, ou que grandes lhe parecem (as bombas atómicas, os satélites artificiais e os foguetes à Lua), não encontrando gosto, ou vagares, para as coisas menores, e esta cuido eu ser a razão pela qual não tomou sequer conhecimento de uma notável conquista há pouco levada a efeito pelo homem da Alemanha. E já digo que a conquista foi no campo da apicultura, antes que se pense tenha sido em algum laboratório de explosivos terríveis.

Apicultores alemães, com efeito, após estudos demorados e demoradas experiências, conseguiram criar uma raça de abelhas sem ferrão, as quais, ainda por cima, produzem mel bastante mais gostoso do que o fabricado por todas as demais.

Não afirmo que esse desarmamento das abelhas seja de maior importância que o desarmamento das potências. A tanto não vou. Tem ele, contudo, a inegável importância de haver sido realizado, ao passo que o outro ninguém sabe se o é ou não, parecendo a muita gente que jamais virá a sê-lo Mais fácil é desarmar os bichos do que desarmar os povos. Os povos muito armados, entenda-se.

Não queira você, leitor da minha mais alta consideração, minimizar a descoberta, negando-lhe qualquer vantagem. Uma coisa é comer o mel, ou chupá-lo, à custa de ferroadas no rosto, e outra coisa é deliciar-se com ele sem ferroada nenhuma. Ferroada dói e torna o rosto tumefacto. Sei muito bem que os médicos apregoam as virtudes da picada da abelha para a cura de certas doenças. Mas, se nem toda a gente sofre tais doenças, toda a gente gosta de mel, ou doméstico, ou silvestre.

A descoberta alemã, sobre o mais, abre caminho para outras da mesma espécie ou da mesma finalidade.

Se foi possível criar uma raça de abelhas destituídas de ferrão, também há-de ser possível, por exemplo, o invento de rosas, ou roseiras sem espinhos. E o perfume sem espinhos é tão importante quanto o mel sem ferrão.

A verdadeira sabedoria está, certamente, em aproveitar o lado bom das coisas, eliminando-lhes o lado mau. Quando isto for conseguido, e talvez se consiga um dia, a vida se tornará perfeita e deveras apetecível. Não será para o meu tempo, nem para o tempo do leitor incrédulo, mas para o tempo de alguém sempre será.

Outra coisa:

Se estas pequenas invenções, ou pequenas descobertas, de que costumamos sorrir, tendem a melhorar, senão a nossa, pelo menos a vida dos pósteros, as grandes tendem à eliminação da própria posteridade, a qual, uma vez eliminada, não terá necessidade alguma nem de bombas atómicas, nem de mel sem ferrão.

Ainda outra coisa:

Se as abelhas dotadas de ferrão sempre foram consideradas um povo exemplar, pela disciplina, pelo trabalho e pelo engenho, muito mais exemplar se tornará agora esse povo, com a ausência da arma que o caracterizava e já não o caracteriza.

Para terminar, convém dizer que a descoberta alemã, de que tão pouco se tem falado, pode servir de argumento valioso aos que sonham com o desarmamento universal. Se as abelhas puderam ser desarmadas, é evidente que as potências poderão sê-lo, a seu turno. E diga-se, depois disso, que as conquistas aparentemente pequenas e humildes não têm importância! Têm e muito grande.

Henrique Pereira Martins

Nas Bairradas, sua terra-natal, encontra-se a férias, até ao dia 10 do próximo mês, o nosso prezado amigo, distinto estudante e hábil desenhista e pintor, Sr. Henrique Pereira Martins, há anos residente em Lisboa.

Os votos sinceros de óptima estadia.

As horas que nos trazem a felicidade são as mesmas que nos trazem a sabedoria.

JOHN MASEFIELD

Benefícios para os trabalhadores portugueses em França

Concluíram se as convenções de reciprocidade a respeito da segurança social, entre a França e Portugal, passando agora a beneficiar da «pensão de velhice» os velhos trabalhadores de nacionalidade portuguesa, nas mesmas condições que os franceses, tendo os interessados que justificar residirem pelo menos há 15 anos em território francês.

Figueiroense! 100 crianças da tua terra esperam dever-te a estadia de 20 dias na praia.

Concurso para oficiais-médicos da Força Aérea

Está aberto concurso para preenchimento de 12 vagas no quadro permanente de oficiais-médicos da Força Aérea.

O prazo para entrega dos documentos necessários termina no fim do corrente mês.

Todos os esclarecimentos são dados no Subsecretariado de Estado da Aeronáutica.

Auxiliar os Bombeiros Voluntários é concorrer para o Bem comum.

Rancho Infantil da Casa do Povo da Chamusca

Pela segunda vez, Figueiró vai receber a visita do afamado «*Rancho Infantil da Casa do Povo da Chamusca*», um agrupamento que pede meças a muitos outros constituídos por adultos.

Aquela embaixada juvenil desloca-se à nossa terra dois anos após a sua primeira exibição aqui levada a efeito e que constituiu um êxito.

No dia 13 do corrente, domingo próximo, pelas 21 horas e meia, actuará no Rinque de Patinagem para delícia da assistência que prevemos numerosa, pois não só o valor artístico do Rancho merece a presença dos Figueiroenses e visitantes aqui em férias, mas ainda porque a receita líquida é generosamente oferecida pelos simpáticos jovens à «Associação Desportiva» local.

Almerindo David Rei

Acompanhado da esposa, a nossa conterrânea e distinta Professora do Liceu de Oeiras, Sr.ª Dr.ª D. Maria Isabel Gonçalves Agria Rei, e de seus filhinhos, está entre nós, em gozo de merecidas férias, o nosso particular amigo e patrício, Sr. Almerindo do Carmo David Rei, muito digno e zeloso funcionário superior da Câmara Municipal de Almada.

Os nossos cumprimentos de boas-vindas e votos de férias felizes.

Fábrica de automóveis em Portugal

Por despacho do Sr. Ministro da Economia, foi concedida licença a uma sociedade em organização para o fabrico de automóveis no nosso país.

Segundo aquele despacho, a sociedade terá de estar definitivamente constituída no prazo de 2 meses e a fábrica concluída dentro de 2 anos.

Além de dois tipos de automóveis ligeiros — de pequena e média cilindrada —, fabricará tractores e camiões.

Agradecimento

Que o Ex.mo Sr. Dr. José Dinis Vieira, exímio Médico-cirurgião e Assistente da Faculdade de Medicina de Coimbra, me perdoe o desabafo, mas o meu coração exige o público reconhecimento de que está possuído. Sua Ex.ª operou minha filha Georgina Dores de Carvalho, no dia 17 de Agosto p. p., na «Casa de Saúde de Chão de Couce», e eu sou-lhe devedor, não só dos máximos elogios pela superior técnica e vastos conhecimentos revelados, mas também duma palavra de gratidão pelo zelo excepcional e carinho com que tratou a doente de então — agora de saúde, graças a Deus e a tão distinto Médico.

Ao mesmo tempo, quero agradecer a todas as pessoas amigas que a visitaram e se interessaram pela marcha do seu estado.

Aqui deixo, por isso, consignado o meu indelével reconhecimento a todos.

Pobrais, 4 de Setembro de 1959.

Silvério Luis de Carvalho

Vai realizar-se um Concurso Nacional de Filarmónicas e Bandas Civis

A F. N. A. T. promove, pela primeira vez, um Concurso Nacional de Filarmónicas e Bandas Civis, que abrange não só o continente como as Ilhas Adjacentes. A inscrição, livre de quaisquer encargos, deve efectuar-se no prazo de 90 dias, a contar do dia 30 de Junho passado. Este concurso destina-se a grupos instrumentais constituídos por um mínimo de 20 executantes amadores. Aos núcleos concorrentes podem também pertencer músicos profissionais, desde que não exerçam a profissão há pelo menos seis meses e façam parte do grupo há mais de um ano.

O concurso admite a inscrição de concorrentes em 1.ª, 2.ª e 3.as categorias, estando previstos, para cada uma dessas categorias, três prémios em dinheiro. O mais elevado é de 25 000$00. Os premiados receberão ainda troféus de prata, diplomas e fitas de homenagem para estandartes. Além destes prémios e galardões, foi instituído o Grande Prémio Nacional, que pode ser conquistado cumulativamente com outro primeiro prémio, atribuído a qualquer das três categorias.

Para alcançar o Grande Prémio Nacional, no valor de 20 000$00, é necessário que o agrupamento concorrente obtenha o maior número de pontos na classificação geral, e prove, em todas as actuações, possuir mais altos méritos de condições artísticas, individuais e de conjunto, assim como bom comportamento disciplinar. Quer isto dizer que o Grande Prémio Nacional poderá ser atribuído ao primeiro classificado da 1.ª, 2.ª ou 3.ª categorias.

Para informações mais circunstanciadas, devem os interessados dirigir-se à F. N. A. T., na Calçada de Santana, 180 — Lisboa.

NA NAZARÉ

Encontram-se em veraneio a esposa e o filho do nosso querido amigo e conterrâneo, Sr. Constantino David dos Reis, distinto e zeloso Ajudante da Conservatória do Registo Predial desta Comarca.

CURSOS de Aperfeiçoamento Técnico sobre Poda da Oliveira

Um dos objectivos a atingir com os «Cursos de Aperfeiçoamento» iniciados em Elvas pela Direcção-Geral dos Serviços Agrícolas, com o subordinado ao tema «*A poda da oliveira*», é manter em contacto estreito os investigadores e os vulganizadores agrícolas.

Foram versados, principalmente, os temas:

— A Estação de Olivicultura e as suas funções, particularmente no que respeita à poda da oliveira.

— Factores a considerar na poda da oliveira.

— Tipos de poda e sua crítica.

— Considerações finais.

Depois de ter sido prestada justiça aos efeitos da campanha que o Sr. Eng.º-Agrón. Mira Galvão lançou no Alentejo, com grande entusiasmo, para acabar com certos sistemas de poda prejudiciais à produção e à vida da árvore, concluiu-se que:

— A poda deve ser orientada de molde a reduzir-se ao mínimo a produção de lenho, em benefício da produção de fruto.

— Deve insistir-se sempre por que os olivicultores façam as podas anualmente ou, quando muito, bienalmente. Esta frequência merecerá tanto ou maior cuidado quanto mais severa tiver sido a poda anterior, sobretudo nos casos de reconstituição ou de renovação, pois reconhece-se que, na oliveira, «quando se começa a podar não se pode parar».

— Convém evitar, tanto quanto possível, as podas desordenadas, que só resultam em prejuízo da economia olivícola, e encara-se o estudo da disciplina da poda da oliveira, a exemplo da que existe para o montado.

— Não devem ser introduzidas modificações bruscas na orientação dos cursos de podadores, salvo casos excepcionais.

— Impõe-se proceder à zonagem da oliveira, evitando-se a sua expansão para fora das zonas ecológicas mais convenientes.

AGENDA DO CONTRIBUINTE

Contribuições e impostos

Em duas prestações

As segundas prestações (semestrais), de todas as contribuições e impostos divididos em duas prestações que não hajam sido liquidadas normalmente no mês de Julho findo, poderão ser pagas até 29 de Setembro, com acréscimo de juros de mora.

Em quatro prestações

As terceiras prestações (trimestrais) de todas as contribuições e impostos divididos em quatro prestações que não hajam sido liquidadas normalmente no mês findo, poderão pagar-se dentro do mesmo prazo e sujeitos a juros de mora.

Quem tiver ainda por pagar a 2.ª prestação trimestral, terá que pagar, até 29 de Setembro sob pena de relaxe, as três prestações em débito com os juros de mora devidos.

Quem não houver ainda pago a primeira semestral da contribuição predial ou do imposto complementar, terá igualmente que pagar, com os juros devidos.

Faça encomenda de todos os impressos que necessite à Tipografia deste jornal.

RECAUCHUTAGEM
SONUMA
RECHAPAGEM, RECAUCHUTAGEM E VULCANIZAÇÃO DE PNEUS
TODOS OS NOSSOS TRABALHOS SÃO EXECUTADOS COM A MÁXIMA PERFEIÇÃO E PELOS PROCESSOS MAIS MODERNOS
TELEFONE 102
FIGUEIRÓ DOS VINHOS

Guias de expedição dos Caminhos de Ferro
Fichas e folhas de c/ corrente
Folhas de férias
Recibos de rendas de casa, c/ 50 e 100 folhas
Fornece, aos mais baixos preços, a
TIPOGRAFIA MINERVA CENTRAL
Telefone 7
FIGUEIRÓ DOS VINHOS

SOSIQUE
O calçado ideal para os que desejam um bom sapato
4 VEZES MAIS BARATO PORQUE DURA 4 VEZES MAIS
DEPOSITÁRIOS EXCLUSIVOS:
CONCELHO DE FIGUEIRÓ DOS VINHOS
João David Campos
CONCELHO DE CASTANHEIRA DE PÊRA
Viúva de José Coelho J.or

A MOEDA-PAPEL

A moeda de papel foi inicialmente um simples recibo. Um documento que comprovava a entrega, a quem o assinava, de uma certa quantidade de ouro ou prata, para ser fielmente guardada.

Tais recibos eram ao portador; isto é, o encarregado da guarda desse ouro ou dessa prata devia entregá-los a quem lhe apresentasse o documento. Bem se vê, portanto, que mais fácil era carregar um ou vários desses recibos, do que a quantidade de metal por eles representada, suposto que nenhuma dúvida pairasse sobre a entrega imediata de moeda metálica, contra os bilhetes que certificavam seu depósito em mãos de pessoas conceituadas.

Pagar com esses bilhetes representativos de moeda, em vez de com moeda metálica, cedo se transformou em hábito, pela maior facilidade aliada à indispensável segurança. Com o tempo, os estabelecimentos nos quais era feito o depósito de ouro e prata contra bilhetes-recibos notaram que apenas pequeno número de depositantes os procuravam, durante o mesmo período, para trocar os bilhetes por metal. E' que, na prática, nunca a maioria e menos ainda a totalidade dos depositantes se apresentava num dia só para essa troca. Em consequência, passaram os referidos estabelecimentos a utilizar parte do metal depositado, emprestando-o, a juros, em lugar de mantê-lo imobilizado no cofre. Surgiu daí o sistema da chamada « moeda-papel ».

Nesse sistema, os bancos autorizados a emitir tal moeda ou os próprios governos recebiam ouro ou prata, em troca de bilhetes ou cédulas. Mantinham em cofre, porém — e esta a característica que mais os interessava no sistema —, apenas uma parte, equivalente em geral a vinte ou trinta por cento (era o chamado «lastro» do total das cédulas entregues aos depositantes). Com isto era possível « criar » moeda do nada, pois, com uma moeda de ouro servindo de « lastro », podia-se emitir moeda-papel de valor três, quatro e até cinco vezes maior.

Apesar de tudo, o principio da moeda metálica era mantido, pois, quem quisesse poderia, a qualquer momento, receber ouro ou prata em troca de cédulas de papel. Era o que se denominava «conversibilidade » : as cédulas ou notas eram « conversíveis » em ouro ou prata, à vista.

Regime de padrão ouro era aquele em que a conversibilidade se assegurava em ouro.

O PAPEL-MOEDA

A moeda-papel, conversível em ouro e prata, foi a grande descoberta financeira dos séculos XVII e XVIII.

Até então a humanidade conhecera apenas a moeda com o chamado « valor intrínseco », ou seja, feita de matéria que valia como mercadoria pràticamente o mesmo que valia como moeda. Um ou outro exemplo em contrário, lembrado por alguns autores, nunca tomou vulto suficiente para abalar a regra geral. Em consequência, não se conheceu antes dessa época o perigo das emissões exageradas que tanto iriam tumultuar a vida económica moderna.

E' que « emitir moeda » — isto é, introduzir na circulação novas quantidades de espécies monetárias — era operação limitada « fisicamente » pelas disponibilidades de ouro e prata. Os verdadeiros emissores de moeda eram, de facto, os mineradores desses metais. Assim, por exemplo, com o descobrimento de minas de prata no México e na remessa de grandes quantidades desse metal para a Espanha, houve considerável « emissão » nos séculos XVI e XVII, acompanhada inclusive de alta geral nos preços.

Com a moeda-papel, porém, esse limite « físico » da emissão desapareceu e logo se instalaram abusos e demasias.

Teòricamente, é verdade, a obrigação de trocar a moeda-papel por moeda-metálica constituía um freio à sede de dinheiro dos particulares e dos governos. Na prática, esse freio não funcionou. Emissões excessivas tornaram o « lastro » insuficiente para atender aos pedidos de conversão das cédulas em metal.

Seguiu-se a promulgação de leis suspendendo « provisòriamente » a conversibilidade, isto é, a obrigação de trocar papel por metal. O mais curioso é que, apesar de não serem mais representativas — senão muito teòricamente — de ouro e prata, as cédulas continuaram sendo aceitas como moeda.

Inaugurou-se, assim, a era do « papel-moeda », ou seja do dinheiro de papel sem vinculação com qualquer espécie de « moeda-mercadoria » ou moeda com « valor intrínseco ».

DANIEL FARACO

Ensino Primário Particular

Avisam-se os encarregados de educação que pretendam matricular menores no ensino primário particular, de que termina no dia 15 do corrente o prazo normal para a entrega dos respectivos processos.

O processo é, essencialmente, constituído pelo boletim, selado com estampilha de 20$00, uma certidão de idade, um atestado médico e revacina (dispensado no ensino doméstico), documento comprovativo das habilitações anteriores e certificado de inscrição na M. P. ou M. P. F..

No ensino particular doméstico é de exigir ao encarregado de educação uma certidão comprovativa das habilitações literárias do 1.º ciclo liceal, equivalências ou exame de aptidão para a regência de postos escolares.

No processo de matrícula de alunos que completem 6 anos até 7 de Outubro, há que juntar mais um requerimento ao Director do Distrito Escolar e atestado médico comprovativo da capacidade intelectual do aluno.

Depois de 15 de Setembro, poderão ainda aceitar-se matrículas no ensino particular mediante o pagamento de um selo de 25$00, até 30 de Setembro, e de um selo de 50$00, até 15 de Outubro, nos termos da alínea a), do Art.º 2.º do Decreto-Lei n.º 41.192. Depois de 15 de Outubro e até ao fim de Dezembro, poderão, ainda, efectivar-se matrículas, com autorização ministerial e o pagamento de um selo de 75$00. Estes selos são devidos além do boletim, e, apenas em processos de alunos de idade legal.

Leia e propague este jornal

ESCRITORES DO NOSSO DISTRITO

Francisco Rodrigues Lobo

Camilo Castelo Branco, apreciando a obra de Francisco Rodrigues Lobo — um dos maiores clássicos portugueses — afirma que « mas pinturas dos quadros da Natureza distribui colorido admirável, aformoseado por uns toques de saudade e tristezas do ermo em que nenhum poeta português se lhe avantaja, nem em Sannazaro, seu mestre, os há mais encantadores ».

Esta opinião de Camilo é confirmada por Pinheiro Chagas que diz de Rodrigues Lobo: « Nenhum dos nossos poetas bucólicos pode rivalizar com este em amenidade de estilo e em sentimento da Natureza. A Primavera, *espécie de romance no género da* Diana de Montemayor, *encerra versos admiráveis, que parecem rescender os aromas e exalar as melodias da predilecta estação do vate. Há uma frescura inexcedível nas suas descrições, e uma doçura no seu estilo que enlevam ainda o leitor do século actual »...*

Nascido em Leiria, no ano de 1580, ou posteriormente (não se sabe ao certo), ali, ou nos arredores, viveu quase sempre. Frequentou a Universidade de Coimbra, onde se bacharelou em leis em 1602; porém, « não advogou, nem exerceu qualquer função » — como nos refere o Dr. Mário Gonçalves Viana.

Da sua obra notável apontamos um volume de Romances, *que publicou ainda estudante, em 1596;* A Primavera, *em 1601, livro que teve novas edições em 1608, 1619, 1635, 1651, 1670, 1704, 1722, 1723, 1774; as* Eglogas *publicadas em 1605 e com outras edições em 1723, 1774, 1924, 1928; em 1608 surgiu* O Pastor Peregrino (*de que transcrevemos o trecho* « Onde está a felicidade?), *continuação da novela pastoril* A Primavera; O Condestabre de Portugal, *poema épico que celebra os feitos de D. Nuno Álvares Pereira, apareceu em 1610. Logo em 1614 foi publicado o terceiro e último volume da novela pastoril* A Primavera: O Desenganado. *Em 1619 saiu a obra* « A Corte na Aldeia, *em prosa, dialogada e de género diferente das anteriores — o livro mais conhecido de Rodrigues Lobo.*

COLÓNIA BALNEAR DA CASA DO POVO

Festejos a seu favor

Com o fim de angariar receita para fazer face aos pesadíssimos encargos da *Colónia Balnear Infantil*, a Casa do Povo realiza animados festejos no próximo dia 19, na sua sede.

O programa é recheado de atracções de grande valor, entre elas o apreciado acordeonista Albino Martins, do Pontão.

Filarmónica Figueiroense

Novo Regente

Desde há meses que vem prestando os seus prestimosos serviços à colectividade, como Regente, o Sr. João Rodrigues Ferreira, 1.º Sargento-músico reformado que fez grande parte da sua carreira em Coimbra.

Artista consciencioso e de excepcional mérito, o Sr. Rodrigues Ferreira alia à vastidão dos conhecimentos musicais uma conduta exemplar que, no pouco tempo já passado em Figueiró, o impôs a executantes e, duma maneira geral, a quantos têm oportunidade de consigo conviver.

Conhecedores e *apreciadores* do seu porte, felicitamos a Direcção da Filarmónica pela acertadíssima escolha feita, permitindo-nos lembrar que as atitudes do zeloso Regente devem ter a contrapartida do exacto cumprimento dos deveres que cabem aos executantes, bem como a retribuição da amizade que a todos sabe dispensar.

Festa de Maçãs de D. Maria

Estamos informados do comportamento da Filarmónica Figueiroense, quanto à colaboração valiosíssima que deu às festas realizadas em Maçãs de D. Maria no dia 30 de Agosto p. p..

Congratulamo-nos pelo retumbante sucesso alcançado pela Filarmónica da nossa terra que tão galhardamente lançou aos quatro ventos o bom nome de Figueiró. E, para que não se julgue estarmos a exagerar, citaremos, apenas, as honrosíssimas manifestações de apreço e agradecimento que os Srs. Eugénio Dias Franco, António Cirilo e Abílio Gonçalves Morgadinho, respectivamente Presidente, Tesoureiro e Secretário da Comissão Executiva das festas — para não irmos mais longe — se dignaram dispensar à Direcção, Regente e Executantes da nossa Filarmónica. Além das palavras francamente elogiosas com que distinguiram a colectividade, tiveram a gentileza de oferecer uma soberba « fogaça » que valia para cima de 300$00 e estava tão bem recheada de excelentes iguarias que deu para todos comerem à-vontade.

Até os Rev.os Padres presentes, entusiasmados com a actuação dos nossos conterrâneos, distribuíram larga soma de abraços e elogios pelos componentes da Filarmónica!

Pela parte que nos cabe, muito nos regozijamos com o brilhantismo que a embaixada figueiroense deu aos festejos, ao mesmo tempo que agradecemos à Filarmónica a forma como a nossa terra foi representada.

Em Abiul

A fim de tomar parte nos festejos do Sagrado Coração de Jesus, a Filarmónica deslocou-se no dia 6 do corrente a Abiul, onde — como já é de tradição — foi recebida fidalgamente e conquistou novos louros.

Mais festas

Nos próximos dias 13 e 14 do corrente teremos a Filarmónica na festa anual de Isna-Oleiros; e no dia 27 p. f., estará presente na festa de Arega.

Escola Secundária da Câmara Municipal de Figueiró dos Vinhos

Ano lectivo de 1959/60

MATRÍCULAS

O prazo normal para as matrícula nesta Escola (*Curso Geral dos Liceus — 1.º ao 5.º anos*) decorre de 1 a 12 de Setembro, para o que a sua Secretaria estará aberta das 10 às 12 e das 14 às 17 horas, em todos os dias úteis daquele período.

Os candidatos à matrícula pela primeira vez deverão apresentar:

a) — *Boletim de inscrição;*
b) — *Caderneta escolar;*
c) — *Um selo fiscal de 30$00 para o boletim de inscrição;*
d) — *Um selo fiscal de 7$50 para a caderneta escolar;*
e) — *Bilhete de identidade;*
f) — *Atestado médico comprovativo de que* **não sofrem de doença contagiosa e foram revacinados há menos de 7 anos;**
g) — *A importância de 30$00 para pagamento da quota anual da Mocidade Portuguesa;*
h) — *Três fotografias tipo passe;*
i) — *Recibo do pagamento, à Câmara, da mensalidade respeitante ao mês de Outubro.*

Os que já frequentaram a Escola estão dispensados da apresentação dos documentos referidos nas alíneas *b), d) e f)*; os que se matriculem no 3.º ano devem entregar três fotografias e os dos anos restantes duas, apenas.

*

Os que nunca estiveram matriculados ou inscritos nos Liceus de Coimbra, nem lá fizeram exame de admissão, terão de juntar aos documentos indicados **a certidão de idade e a certidão de exame de admissão aos liceus.**

*

As mensalidades são pagas durante 10 meses — Outubro a Julho — *até ao dia 10 de cada mês*, excepto a referente a Outubro que é paga no dia da matrícula, na Tesouraria da Câmara Municipal, mediante guia requisitada na Secretaria da mesma Câmara.

*

Chama-se a atenção dos candidatos à matrícula para a obrigatoriedade de inscrição nos Liceus, **excepto para aqueles que completem 21 anos antes do dia 1 de Outubro p. f..**

*

As cadernetas escolares e os boletins de inscrição são fornecidos na Escola.

Feiras e Romarias

Agosto e Setembro são, por excelência, os meses das Feiras e Romarias em Portugal. De Norte a Sul, ceifado, debulhado e enceleirado o pão, na breve trégua que a Natureza consente ao homem na sua luta, escasso intervalo entre os trabalhos da eira e as fainas da vindima, dá-se vazão à necessidade de convívio, de espairecimento, de folgança que um ano inteiro de esforço acumulou nos corpos rijos da gente do campo.

Vêm, então, as feiras e romarias, com toda a sua gárrula policromia, em que a arte do povo se expande em manifestações do mais puro dionisismo, seja no trajar que se aprimora de garridices, seja na própria ornamentação dos carros e dos recintos, e mais vincadamente na alegria em si mesma, nos cantares e musicares tradicionais ou improvisados em que novos e velhos se extravazam.

A alma do povo, porém, emaranhada entre reminiscências pagãs e ansiedades místicas, não suporta a vida sem Deus. Daí cada festa de sabor etnográfico ter, também, o seu carácter religioso. Os mastros levantam-se à roda das ermidas, ladeados de festões, arcos de murta, balões de papel e caçoilas floridas. E é toda a devoção do povo naquelas ornamentações, como é a sua alegria pagã traduzida nos harmónios, gaitas de foles, pandeiretas e adufes, no estoirar dos morteiros e no espirrar dos tonéis e das gargalhadas.

Romaria da Senhora da Agonia, em Viana do Castelo; festas a S. Bartolomeu e Santa Mafalda, em Arouca; festas em honra de Nossa Senhora do Cabo, em Sintra; Nossa Senhora da Graça, em Bragança; Nossa Senhora do Amparo, em Felgar, Moncorvo; a Santa Filomena, nos Carvalhos, Gaia; a Nossa Senhora da Saúde, no Campo Lindo, Paranhos, Santa Clara do Bonfim; Nossa Senhora dos Montes Ermos, em Freixo de Espada-à-Cinta; Nossa Senhora de La-Salette, em Oliveira de Azeméis, e tantas mais por esse País de lés-a-lés.

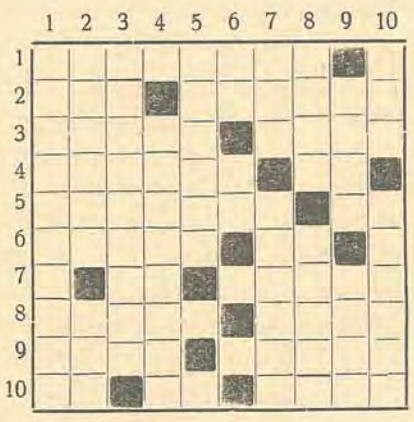
A Romaria da Nossa Senhora da Agonia atraíu este ano a Viana do Castelo, como é hábito, uma multidão de forasteiros que ali se deslocou para assistir às festividades, tão ricas de colorido, do tradicional arraial minhoto. Não faltou a feira-franca, o concurso pecuário, exposições comerciais, o Cortejo do Mar — no qual estavam representadas as actividades ligadas à vida marítima e fluvial do Norte do País —, o indispensável Fogo do Meio com toda a sua prodigiosa fantasia pirotécnica, o Festival do Traje — autêntica parada do mais castiço regionalismo, em que se pode apreciar a riqueza e graça do vestir da gente portuguesa —, concertos pelas numerosas bandas do distrito, tourada, serenatas, exibições de ranchos folclóricos, e outras manifestações que encheram os dias e as noites de alacre folguedo, da saudável alegria tão característica da gente lusitana.

Dignas de especial menção, também, as festas a S. Bartolomeu e Santa Mafalda, em Arouca, que se revestiram, este ano, de especial luzimento. Enquadradas no encanto da verdejante paisagem, são ricas de tradição histórica e lendária as festas de Arouca, sendo sempre, por estas alturas, muito concorridas as cerimónias religiosas em honra dos seus oragos. Tiveram particular relevo a feira de gado bovino arouquês, as exibições das bandas e dos ranchos folclóricos e as largadas de fogo de artifício.

Igualmente de salientar as festas que, com o patrocínio do Secretariado Nacional da Informação e da Câmara Municipal, se vêm realizando desde 29 do mês findo e terminam em 13 do corrente, na freguesia de Santa Maria da Vila de Sintra. Festas em honra de Nossa Senhora do Cabo, prevê-se que tenham este ano singular brilho e pompa, como é próprio, aliás, das festas realizadas naquela formosa Vila ou nas suas três freguesias, quando lhes cabe a vez de as organizar de 26 em 26 anos, como agora. Além de várias e solenes cerimónias religiosas, — como o tradicional Círio, que o povo tanto aprecia e se reveste de emocionante espectaculosidade, e em que tomam parte cavaleiros, charameleiros, timbaleiros, anjos a cavalo e de carro, a berlinda com Nossa Senhora, coches com os párocos, carros com mordomos, festeiros e romeiros e as indispensáveis bandas de música —, outras manifestações de carácter popular darão às festas de Nossa Senhora do Cabo o seu cunho essencialmente regional, típicamente saloio.

Assim esta sagrada terra portuguesa dá largas à sua alegria de viver. Festas de paz, em que o sentimento religioso se mescla, em boa harmonia, com o sentido telúrico, o amor ao trabalho e à criação, as feiras e romarias portuguesas são as mais genuínas manifestações do espírito sadio do povo de Portugal, ao mesmo tempo que constituem um valioso quadro pictórico de riqueza cromática inigualável, um cartaz turístico que desenha a traços luminosos, na mancha ensoalhada dos nossos campos, vilas e cidades, a verdadeira idiossincrasia da nossa raça.

Passatempo



HORIZONTAIS — 1: pancada na canela; 2: ovário de peixe; separar; 3: oração obrigatória para o turco, repetida 5 vezes por dia; arrufo; 4: conjunto de barcos (pl.); prefixo indicativo de aproximação; 5: entonteceras; artigo plural; 6: fúria; entenda; 7: nota musical; lugar onde se recolhem cães; 8: arrostas com; urso natural de água (pl.); 9: transmitir gratuitamente (bens) a outrem; da Pérsia; 10: artigo plural; carta de jogar; sadios.

VERTICAIS — 1: resignado; 2: desarranjo; letra grega (pl.); 3: requesta por passatempo; 4: aformoseara; 5: voltara num banho de tinta um tecido; 6: artigo (pl.); apelido; 7: faça mal; ecoares; 8: parte imaterial do ser humano; ligara; 9: atrevido; 10: anel; planta de usos culinários (pl.).

Cerca de 32 contos será o custo da Colónia Balnear da Casa do Povo, este ano. 100 crianças beneficiadas! Não negues o teu contributo, Figueiroense!

Anunciar em "O NORTE DO DISTRITO" é fazer chegar os produtos de V. Ex.ª a todo o Mundo.

Canta o mar, beijando a areia,
uma cantiga dolente:
— Saudade faz viver perto
quem vive longe da gente...

PAULO FREITAS

A escolha das forragens a utilizar

Eng.º Agr.º Domingos Avillez

Podemos considerar, como da maior importância, os progressos recentemente conseguidos na produção forraginosa.

Citemos, por exemplo, a selecção de variedades de grande rendimento e alta qualidade (caso das beterrabas meio sacarinas, das leguminosas forrageiras e do milho) e a introdução de racionais métodos de exploração, como a rotação das pastagens e o emprego de fortes doses de adubos azotados permitindo a obtenção de consideráveis rendimentos por unidade de superfície, devidamente adaptadas às mais diversas situações geográficas e culturais e de acordo com os diferentes modos de exploração.

O ponto fundamental que deve nortear o criador, é seguramente o tipo de rações a estabelecer para as diferentes espécies pecuárias e respectivas especulações zootécnicas.

As necessidades alimentares dos animais são qualitativamente bem diferentes. Vejamos o que se passa com os bovinos leiteiros, os bovinos de engorda e os suínos.

As vacas leiteiras necessitam de quantidades elevadas de matérias proteicas. O feno, cortado jovem e bem conservado, constitui uma achega muito interessante.

As gramíneas bem cultivadas (em terrenos devidamente mobilizados e fertilizados) e oportunamente ceifadas, possuem excelente valor energético e adaptam-se perfeitamente para a obtenção de boa silagem.

Neste mesmo caso se encontra a mistura de gramíneas e leguminosas (aveia e ervilhaca, por exemplo) e os cortes feitos nas pastagens devidamente exploradas.

Pelo contrário, podemos citar forragens que são muitas vezes preconizadas e que respondem mal às exigências alimentares dos bovinos leiteiros; queremo-nos referir às milharadas e às beterrabas forraginosas, devido à pobreza que manifestam em azotados.

Os vegetais colhidos jovens (misturas de gramíneas e leguminosas, luzerna extreme, etc.) permitem, graças à secagem artificial, que se obtenham produtos comparáveis aos concentrados de valor médio, mas ainda mais ricos em elementos vitamínicos.

Se o lavrador faz consumir na sua exploração os produtos nela produzidos, então estas normas são especialmente úteis para a economia geral da propriedade. No que respeita aos bovinos de engorda, o valor energético, por unidade de superfície, isto é, o rendimento em unidades forraginosas por hectare, tem papel preponderante. As suas necessidades em substâncias proteicas são muito menores que no caso dos animais leiteiros, porquanto serão asseguradas, se parte da ração for constituída por gramíneas jovens ou leguminosas conservadas.

Para completar a ração basta perfeitamente a milharada, a beterraba ou até mesmo alguns dos subprodutos normalmente aproveitados.

Relativamente aos suínos — se bem que até há pouco tempo, seguindo a tradição, estes animais se destinavam tão-sòmente a aproveitar as bolotas, os subprodutos de leitaria e alguns cereais — tem-se encarado ùltimamente a sua exploração à base de tubérculos e raízes, designadamente batata, batata-doce e beterraba, as quais aliam ao seu poder forraginoso, uma fácil conservação. Devemos notar aqui que a batata-doce e a betarraba, caracterizando-se por uma utilização menos económica, no caso dos bovinos leiteiros, em relação a outras forragens verdes, exibem real interesse quando consumidas pelo porco.

Verifica-se deste modo que não basta apenas produzir forragens em quantidade, mas antes atender também à sua natureza e qualidade, no domínio da respectiva utilização pelas diferentes espécies pecuárias, não perdendo de vista o valioso papel que desempenham na economia de cada uma das especulações zootécnicas.

Viver a vida até ao fim não é tarefa para uma criança.

BORIS PASTERNAK

Financiamento aos vinicultores

A Junta Nacional do Vinho, como nos anos anteriores, iniciou há dias uma operação de crédito aos vinicultores abrangidos pela sua área, traduzida por um financiamento para ocorrer às despesas de vindima e vinificação.

Este financiamento é feito nos moldes dos anos anteriores e é concedido até 20 de Outubro do corrente ano, efectuado na base de $30 por cada litro de vinho por períodos fixos de 30 ou 60 dias, com o crédito máximo de 30 contos.

A referida operação é ainda facultada a todos os vinicultores que amanham vinhas pela primeira vez no corrente ano.

Todos os interessados devem dirigir-se aos seus Grémios da Lavoura para colher em pormenor os elementos de que podem beneficiar.

Escola Secundária da Câmara Municipal de Figueiró dos Vinhos

AVENIDA SALAZAR — TELEFONE N.º 128

Alvará n.º 590 — CURSO GERAL DOS LICEUS — Externato misto

Novo corpo docente — Professores competentes e zelosos

MATRÍCULAS: 1 a 12 de Setembro

Manuel Alves da Piedade
Médico
CLÍNICA GERAL
Telefone 98 FIGUEIRÓ DOS VINHOS

Joaquim Alves Tomás Morgado
Advogado
Telefone 7 FIGUEIRÓ DOS VINHOS

Quaresma Ferreira
Advogado
Telefone 58 Figueiró dos Vinhos

TERRABELA-HOTEL
UM DOS MELHORES DA PROVÍNCIA
INSTALAÇÕES MODERNAS
BAR — CAFÉ — RESTAURANTE — BILHARES
Serviços de Casamentos e Baptizados
PREÇOS ESPECIAIS
FIGUEIRÓ DOS VINHOS
Telefone 55

O ÚNICO
PÃO-DE-LÓ
QUE SE VENDE EM TODO O MUNDO PORTUGUÊS É O DA
Fábrica de Santo António dos Milagres
DE
Figueiró dos Vinhos
Telefone 50

Deseja V. Ex.ª efectuar um **empréstimo** em regime de hipoteca sobre as suas propriedades?
Realize-o por intermédio da
União Financeira
Juro de 4,5 e 6 % ao ano
Para mais esclarecimentos consulte: *Bertolino P. Carvalho — Rua Dr. António José de Almeida — Figueiró dos Vinhos.*

Trespassa-se
estabelecimento de vinhos num dos melhores locais desta vila, podendo servir para outro ramo de negócio, por motivo do proprietário não poder estar à testa, devido à sua idade e à falta de saúde.
Tratar com o proprietário Francisco Agria — Figueiró dos Vinhos.

NECCHI
A MÁQUINA DE COSTURA DE FABRICAÇÃO ITALIANA E REPUTAÇÃO MUNDIAL
TRÊS MODELOS
EM EXPOSIÇÃO NO AGENTE PARA OS CONCELHOS DE
ALVAIÁZERE, ANSIÃO, CASTANHEIRA DE PÊRA, FIGUEIRÓ DOS VINHOS, PEDRÓGÃO GRANDE E SERTÃ
ANÍBAL SILVEIRA HERDADE
EM
FIGUEIRÓ DOS VINHOS
TELEFONE N.º 43
NECCHI A MÁQUINA DE COSTURA SÓLIDA, PERFEITA E DE DURAÇÃO ILIMITADA

Joaquim J. Fernandes
MÉDICO MUNICIPAL
Consultório frente à AVENIDA SALAZAR
Telefone 38 Figueiró dos Vinhos

Henrique Lacerda
Advogado
TELEFS. { Residência, - 41 PPC / Escritório, - 89
FIGUEIRÓ DOS VINHOS

Regulamento Policial do Distrito de Leiria
VENDE-SE NA
MINERVA CENTRAL
FIGUEIRÓ DOS VINHOS

Café Avenida
Aluga-se, em bom local desta vila, com muita clientela e boas comodidades, por motivo do seu proprietário não poder exercer a sua actividade.

Representação
de fábrica de papel de embrulho e sacos de papel, aceita-se.
Carta a esta Redacção.

Escola de Condução "Figueiró"
Instalada no Edifício da Estação de Serviço Cabeço do Peão
FIGUEIRÓ DOS VINHOS
TELEFONE 78
DE *Albertino de Oliveira Sousa*
(COIMBRA)
Ligeiros e motociclos amadores
A cargo do instrutor Sr.
António dos Santos Banhudo

Drogaria Granada
Rua Dr. António José de Almeida
FIGUEIRÓ DOS VINHOS
Um moderno estabelecimento para bem servir os Ex.mos Clientes
Secções de:
- Papelaria
- Perfumaria
- Plásticos

Sabonete "Espuma do Zêzere"
Perfume "Cravos de Figueiró"
dois exclusivos do maior sucesso, a lançar em breve.

(Marca Registada)
AGENTE E DEPOSITÁRIO
NOS CONCELHOS DE:
Figueiró dos Vinhos — Pedrógão Grande — Castanheira de Pêra e Ansião
Cimento «LIZ»
Cal Hidráulica «MARTINGANÇA»
Cimento branco «CIBRA»

ANÍBAL SILVEIRA HERDADE
COMISSÕES E CONSIGNAÇÕES
TELEF. 43 FIGUEIRÓ DOS VINHOS
ÓLEOS VEEDOL
Tinta para pintar paredes **MURÁGUA**
Materiais sanitários e seus pertences
Tubo de ferro galvanizado, grés, fibrocimento
Ferro para cimento armado, pregaria, estafe
Gesso - Carbonil - Tintas e vernizes
TELHA - TIJOLO - ADUBOS

Para si, minha Senhora

Modas

Estamos informados de que o «tricot» continua a fazer parte integrante do vestuário mais adequado à vida da mulher moderna.

Quanto à estação de Inverno que se aproxima, veremos vestidos de tarde e de noite executados com sedas clássicas ou modernas, quer lisas, quer estampadas, puras ou misturadas em composições inéditas e encantadoras.

Notaremos, também, a abundância de estampados em tecidos de lã e *nylon*, leves, no género *étamine*. Coloridos, com desenhos variados, mas com o predomínio das flores.

Os tecidos são caracterizados pela leveza e maleabilidade, ainda que espessos.

Usar-se-ão os *borbotos*, mas ligeiramente achatados.

Também os tecidos de pelos compridos farão sucesso, em especial os pelos de castor e rena.

Quanto ao veludo, está-lhe reservado lugar de destaque.

A respeito de cores... é melhor nada dizermos. Haverá de todas, que assim é que está bem.

Os principais tecidos deste ano serão: *E'tamine* (rodia, fibrana e lã), *Bouclette* (seda e mohair), *Velours Façonné* (misto de raiona e veludo) e *Façonné Tapisserie* (rodia, raiona e lã).

Utilidades

◉ Uma pasta de sabão e vinagre é excelente para a limpeza dos mármores encardidos.

Esfrega-se o mármore, com força e várias vezes, lava-se com água e deixa-se secar.

◉ Se os melões forem colhidos antes de maduros, conservam-se, mais dum mês, guardados num frigorífico. Apanhados maduros, conservam-se mais de 20 dias deixando os no ar 24 ou 48 horas e guardando-os num barril com areia, serradura ou pó de carvão bem seco e colocando o barril em sítio escuro e seco.

◉ Para que as roupas de lã que tecer, em *tricot* ou *crochet*, não encolham com a primeira lavagem, tenha o trabalho de colocar os novelos sobre o vapor de água produzido em qualquer recipiente vulgar, deixando-os secar bem à sombra.

◉ Os cobertores devem bater-se muito bem, como os tapetes, depois de lavados. Esta operação torna a lã leve e macia e dá-lhes o aspecto de novos.

Sopa de puré verde

Põe-se água com azeite ao lume e, quando ferver, junta-se-lhe feijão verde, abóbora-menina, batata, nabo e cenoura. Deve predominar o feijão verde. Coze-se muito bem e depois deita-se-lhe polpa de tomate. Deixa se ainda cozer o tomate e passa-se tudo pelo passador. Fica um polme que vai a levantar fervura ao lume. Se ficar grosso, serve-se assim. Se ficar ralo, deita-se lhe bocadinhos de pão.

Pato estufado

Numa vasilha proporcionada ao tamanho da ave, ponha-se esta com cebola às rodas, um pedaço de manteiga, chalotas, cenouras, toucinho, louro, dois cravos-da-India, manjericão, dois copos de caldo e um de vinho branco.

Deixe-se cozer em lume brando durante duas horas, passe-se depois o caldo por uma peneira, desengordure-se, deixe-se apurar, regue-se o pato com ele e sirva-se.

Em Esposende

Nesta linda praia do Norte, encontra-se a férias o nosso bom amigo e conterrâneo, Sr. Fernando Simões Pires, considerado sócio da firma armazenista figueiroense «Lanifícios de Portugal, L.da», acompanhado da esposa, filhinho, e sobrinho Mário Valente Marques, que anteriormente esteve em Figueiró alguns dias e é filho do nosso estimado amigo, Sr. Joaquim Marques Fouto, activo comerciante na Capital, e da nossa conterrânea, Sr.ª D. Magna Valente Marques.

A-propósito e porque não o soubemos na altura oportuna, muito nos apraz registar que o jovem Mário Valente Marques é um estudante «valente», não só pelo nome, mas também pelos magníficos resultados que vem averbando na sua carreira escolar. Na época de Julho realizou os exames do 7.º ano dos liceus e aptidão ao Instituto Superior Técnico, obtendo elevadas classificações em ambos.

Bom veraneio para todos e parabéns ao futuro engenheiro.

Visado pela Comissão de Censura

O
TELEFONE
5
INSTALADO NA PRAÇA DE AUTOMÓVEIS, ATENDE TODOS OS DIAS E A QUALQUER HORA.
CHAMADAS PARA
AUTOMÓVEIS DE ALUGUER

Na Figueira da Foz

Encontram-se em veraneio nesta praia:

— A esposa e filhinhos do nosso querido amigo e ilustre conterrâneo, Sr. Dr Henrique Lacerda;

— A esposa e filho do nosso prezado amigo, Sr. António Simões de Sousa, zeloso funcionário superior da Agência local do Banco Espírito Santo;

— O nosso querido amigo e patrício, Sr. José Abreu Nunes, distinto Chefe da Secretaria da Câmara Municipal deste concelho, sua esposa e filhinhas;

— O nosso estimado amigo e conterrâneo, Sr. Prof. Vergílio Henriques da Costa, zeloso Delegado Escolar, sua esposa e filhinhos, após alguns dias de férias em Folgosinho — Serra da Estrela;

— A esposa e filhinhos do nosso prezado amigo, Sr. José Guerreiro Machado, considerado Chefe de Conservação da Junta Autónoma de Estradas;

— O nosso estimado amigo, conterrâneo e distinto funcionário do Tribunal desta Comarca, Sr. Narciso da Conceição Santos, esposa e filho;

— O nosso particular amigo, patrício e distinto funcionário superior do Banco Espírito Santo, nesta vila, Sr. Ruben João Cardoso Furtado, e esposa.

Albino Sequeira de Carvalho

No dia 3 do corrente, na sua residência em Pedrógão Grande, faleceu o nosso estimado amigo, Sr. Albino Sequeira de Carvalho, considerado proprietário e funcionário aposentado de Finanças, que contava 68 anos de idade e era casado com a Sr.ª D. Arminda Nunes.

Pessoa muito conhecida na região, gozando de grande prestígio e desfrutando da estima geral no meio, o extinto deixa fundas saudades em quantos privavam consigo. O funeral, realizado no dia seguinte para o cemitério daquela vila, traduziu eloquentemente — dado o número e a categoria dos acompanhantes — os sentimentos dos Pedroguenses para com o falecido.

Era pai das Sr.as D. D. Maria Helena, Maria Eduarda e Maria Susana Nunes Sequeira de Carvalho, residentes em Pedrógão Grande, e dos Srs. Alcides e Acácio Nunes Sequeira de Carvalho, conceituados comerciantes em A'frica; e irmão do nosso prezado amigo, Sr. Artur Sequeira de Carvalho, proprietário nesta vila.

Sentidos pêsames à família enlutada, em especial à viúva e a seu irmão e nosso querido amigo, Sr. Artur Sequeira de Carvalho.

Rev.º Padre Cipriano Rosa

Às primeiras horas do dia 7 do corrente, faleceu nesta vila, onde residia há cerca de 14 anos, o Rev.º Padre Cipriano Domingues Rosa que se encontrava doente desde princípios de Agosto.

Natural do lugar de Ribeira Velha-Campelo e contando 84 anos de idade, o extinto era pessoa que gozava da consideração geral do meio, tal como no Rabaçal, do concelho de Penela, onde pastoreou a paróquia durante mais de 40 anos, atraíra a amizade de quantos o conheceram.

Apesar da idade e consequentes achaques, foi sempre, durante o tempo que viveu entre nós, um dedicado auxiliar dos Párocos locais. Por isso, era muito apreciado, também, pelos seus colegas.

A sua morte, ainda que esperada, causou profunda consternação na vila e concelho que se fizeram representar por elevado número de pessoas de todas as condições e categorias sociais no seu funeral, realizado no dia imediato para o Cemitério de Campelo, após os ofícios celebrados na Igreja-Matriz de Figueiró.

Era irmão da Sr.ª D. Maria do Carmo Domingues Rosa, e tio do nosso estimado amigo e proprietário em Campelo, Sr. João Morais Rosa, digno e activo Presidente da Junta daquela freguesia, e dos Srs. Dr. Manuel Rosa, Médico em Gabela-Angola, e Luís Rosa, proprietário.

A família enlutada, especialmente ao nosso bom amigo Sr. João Morais Rosa, as nossas sentidas condolências.

HUMORISMO

Um rapaz um tanto ou quanto estouvado, estando para se casar, foi confessar-se.

Após a confissão, como não lhe tivesse sido dada qualquer penitência, procurou o confessor e inquiriu do facto.

— Não me disse que se vai casar?... objectou o padre.

O que vai pelo Mundo

- Durante a última guerra, a explosão duma granada alemã rachou um dos sete sinos da torre inclinada de Pisa. O difícil trabalho de reparação foi agora confiado ao mais famoso fabricante de sinos da Dinamarca, August Nielsen.
- Em nome da «Associação dos Gaúchos de Salta» (Argentina), foi entregue ao Papa, por Monsenhor Lira, uma túnica de *gaúcho* dum vermelho vivo lindíssimo.
- O Vice-Presidente dos Estados Unidos, Nixon, declarou em Los Angeles, recentemente, que a guerra será a alternativa inevitável, se não houver entendimento entre as grandes potências.
- O satélite solar lançado pela Rússia já percorreu metade da sua órbita. Desloca-se a uma velocidade de 2,9 quilómetros por segundo, pelo que já *andou* mais de 500 milhões de quilómetros desde o seu lançamento há 8 meses.
- A polícia italiana não dá tréguas aos «teddy-boys»; recentemente prendeu 165 jovens, em rusgas efectuadas perto de Milão, confiscou 20 motocicletas e multou 15 dos tais «meninos malcriados» por terem molestado a população da cidade com o seu comportamento ruidoso.
- Os cientistas britânicos desenharam uma *pirâmide voadora* que poderá trazer, com segurança, à Terra, dois homens que venham a ser lançados no espaço a 11 000 quilómetros de altura.
- Um cego foi preso por excesso de velocidade, quando, em Alexandria, guiava com um companheiro sentado a seu lado e que tinha por missão indicar-lhe as luzes vermelha e verde, assim como as manobras para evitar choques com outros veículos!

HOSPITAL VISCONDE DE NOVA GRANADA

em Castanheira de Pêra

Embora a inauguração oficial esteja, ainda, por marcar, realizou-se no dia 21 do mês passado a cerimónia da entrega definitiva do novo edifício do Hospital Visconde de Nova Granada, na vizinha vila de Castanheira de Pêra, à Comissão de Construções Hospitalares pelo empreiteiro da importante obra, Sr. Eng.º Melão Barros, de Góis.

Os Srs. Eng.os António Guerreiro de Sousa e Silva e Orlando Guedes representaram aquele organismo no acto, a que assistiram, também, todos os componentes da Mesa da Santa Casa da Misericórdia, que é presidida pelo considerado Castanheirense e importante industrial, Sr. Manuel Alves Ceppas.

No mesmo dia e pouco depois, os empreiteiros Srs. José e João Menino, de Santarém, procederam à entrega provisória do edifício destinado a Lavandaria e Casa Mortuária.

Consta-nos que, dentro em breve, a Santa Casa da Misericórdia passará a utilizar estas novas instalações, para ali transferindo alguns doentes que estão internados no Hospital Asilo de S. José, também sua pertença.

O novo Hospital dispõe já do equipamento necessário ao bom desempenho da sua humanitária missão, mas a Santa Casa luta, ainda, com a insuficiência de verba para cobrir as elevadíssimas despesas efectuadas. São 150 contos que faltam, neste momento. Por isso e movida pelo compreensível desejo de nada dever quando da inauguração oficial, aquela Santa Casa da Misericórdia lançou mais um apelo à benemerência dos Castanheirenses — em qualquer parte que se encontrem. Dele nos fazemos eco, augurando-lhe resultados materiais à altura das necessidades e de harmonia com o fim altruísta da instituição.

Não conhece a sua própria força aquele que ainda não se defrontou com a necessidade.

BEN JOHNSON

NOVO REITOR

do Santuário de Fátima

O ilustre membro do cabido da Sé Catedral de Leiria e antigo professor do Seminário, Monsenhor Dr. António Antunes Borges, recentemente chegado a Portugal depois de ter dirigido o Instituto de Santo António dos Portugueses, em Roma, foi convidado pelo Venerando Bispo de Leiria para o cargo de Reitor do Santuário de Fátima. Dele tomou posse no dia 13 de Agosto p. p..

De regresso

Após a estadia nas Termas de Monte Real e uma curta visita a Unhais da Serra, regressou a esta vila o nosso querido amigo e distinto Advogado, Sr. Dr. Luís Quaresma Ferreira, acompanhado da esposa e filhinhos.

A Esposa do Presidente do Brasil

(*Continuação da 1.ª página*)

atitude de grande nobreza moral — esteve no Cemitério dos Prazeres, homenageando a memória de D. Berta Craveiro Lopes, esposa do antigo Presidente da República, Marechal Craveiro Lopes, em cujo túmulo depôs um lindíssimo ramo de flores.

Presidindo à inauguração de uma exposição sobre Brasília, nas instalações, em Lisboa, da «Panair», visitando, ainda, a Fundação Ricardo Espírito Santo que muito admirou, a Primeira Dama do Brasil foi homenageada pelo Chefe do Estado, num banquete realizado no Palácio de Queluz, a que assistiram, além do Presidente do Conselho, as mais altas individualidades políticas e sociais do País.

A fraternidade luso-brasileira que, tanto e tanto, em ambas as margens do Atlântico, procuramos estreitar, numa íntima comunhão de sentimentos e ideais multisseculares, foi, agora, expressivamente, exaltada na pessoa da ilustre Senhora que bem manifestou o significado e o valor inalterável desse singular entendimento espiritual.